

Travessias contemporâneas: Da modernidade à complexidade

Walter Boechat

Artigos



Resumo

O artigo trata das inúmeras travessias que desafiam a humanidade atualmente, com ênfase na crise de paradigma em ciências, a passagem da modernidade à complexidade. Contudo, diversas outras crises transicionais que se entrelaçam são brevemente mencionadas, tais como a crise do aquecimento global, com a transição da fase do holoceno planetário para o antropoceno, chamado por alguns de capitaloceno. Além disso, refere-se à diluição das fronteiras entre os países, com a islamização da Europa, um choque de retorno do complexo cultural do colonialismo europeu de séculos passados. A presença de um novo paradigma emergente desde o início do século passado é também abordada, bem como a maneira com que essa crise de paradigma afeta a psicologia complexa de Jung. O artigo procura demonstrar como a escrita do Livro Vermelho se dá durante o esgotamento do paradigma da modernidade e como Jung faz um recuo, um *réculer pour mieux sauter* (Janet) para o paradigma medieval, e lá vai resgatar as ideias da alquimia (por exemplo, o *Unus Mundus de Gerard Dorneus*) para propor uma nova epistemologia, um pensamento francamente inserido no novo paradigma da complexidade, uma proposta de superação das armadilhas dicotômicas nas quais o homem moderno está aprisionado.

Palavras-chave: Psicologia Complexa de Jung. Pensamento complexo. Crise de paradigma. Mito do Herói. Alquimia.

*“Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de Rio Doce,
....., canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz
e falamos com nosso rio-música.....suas águas
fazem música e nessa hora, a pedra e água nos implicam de
maneira tão maravilhosa que permitem conjugar o nós: nós-rio,
nós-montanhas, nós-terra.....nos permitimos sair de nossos corpos,
dessa mesmice da antropomorfia e experimentar outras formas
de existir”.*

Ailton Krenak (2022, pp. 13-14)

A contemporaneidade atravessa diversas travessias que se tornam visíveis nos mais diversos campos sociais, antropológicos e psicológicos. Toda a humanidade atravessa momentos de uma mudança radical significativa e pensadores de diversas áreas falam dessas mudanças como radicais e desafiadoras. A humanidade como um todo percorre essa grande travessia que se apresenta com múltiplas faces, todas elas ameaçadoras, todas elas exigindo respostas globais.

Em diversos dos seus escritos, Jung deixa clara a sua preocupação com os destinos da humanidade, o que fica evidente desde seus trabalhos durante a 1ª Grande Guerra, como em *Adaptação, individuação e coletividade* (JUNG, OC, vol. XVIII/2), em que reflete sobre as relações do indivíduo com a sociedade e as profundas relações entre individualidade e coletividade. Essa é sua preocupação também durante a 2ª Guerra Mundial, em diversos ensaios, como em *Wotan* (JUNG, OC, vol. X). Nessas e outras obras sempre viu os desafios coletivos indissolivelmente ligados às questões internas do ser humano. Portanto, as soluções para os grandes problemas que se descortinam de forma cada vez mais ameaçadora para o homem e a mulher contemporâneos devem ser contempladas a partir do indivíduo. Há uma ênfase no universo subjetivo para as grandes travessias coletivas da humanidade como na tão conhecida frase enunciada na segunda entrevista ao Prof. Richard Evans, da Universidade de Houston:

“o mundo está suspenso de um tênue fio, e esse fio é a psique do homem.”
(Jung in: MCGUIRE; HULL, 1982, p. 272)

As três grandes ameaças

Alguns pesquisadores procuram alinhar as grandes ameaças contemporâneas à humanidade como as seguintes três principais: a crise ecológica com o aquecimento global, a ameaça atômica e o desenvolvimento da inteligência artificial. Essas complexas questões estão de certa forma interligadas e iremos abordá-las do ponto de vista da crise de paradigma da modernidade, como as abordou Madel Luz (1988) e outros filósofos das ciências.

O aquecimento global

A ameaça do ecocídio pelo aquecimento global e por inundações catastróficas se faz sentir de forma cada vez mais intensa, podendo ser vivenciada diretamente por nós nas sofridas inundações que atingiram nossos irmãos do Rio Grande do Sul, as fortes queimadas no Pantanal, bem como em outros incêndios devastadores nas mais diversas partes do mundo, como na Austrália, Califórnia e Península Ibérica. Ninguém

está na verdade a salvo desses graves desequilíbrios ecológicos. Liliana Wahba (2023) relembra com propriedade a expressão de Ailton Krenak de que *estamos experienciando a febre do planeta*. Ainda para nos atermos ao Brasil, um outro exemplo de desequilíbrio pelo aquecimento global pode ser sentido agudamente pela ameaça de elevação dos níveis dos oceanos, lembrando a vasta extensão litorânea do nosso país continental. Desde a colonização de vastas áreas do litoral foram ocupadas por cidades, diversas delas capitais de estado. Reflexos da elevação do nível dos oceanos já se fazem sentir em diversos locais. As belas praias turísticas de Florianópolis vêm sendo afetadas. O mar avança e a camada de areia aos poucos desaparece. Em algumas dessas praias, tomou-se uma medida extrema de preservação: com grande custo financeiro o fundo dos oceanos foi dragado e enormes quantidades de areia foram utilizadas para recompor a faixa litorânea que aos poucos desaparecia sob o mar. Esses são os primeiros sinais que vão mostrando que os oceanos, companheiros de longa data da humanidade, vão aos poucos se tornando uma ameaça perigosa.

Na modernidade, a humanidade se encontra acuada e desesperada no momento dessa grande travessia coletiva que parece desafiar a totalidade da raça humana. A entrada da humanidade no chamado *Antropoceno*, uma nova era geológica que se sucedeu ao Holoceno, parece ameaçar de morte o equilíbrio natural planetário. O início do Antropoceno varia de acordo com os estudiosos, sendo, segundo alguns, da instalação da Revolução Industrial ao final do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor. Outros autores colocam esse início a partir da ação predatória do *Sapiens* sobre o planeta, muito antes, em torno do 12 mil a.C. (HARARI, 2016), quando os coletores-caçadores começaram a se fixar na terra e deram início à cultura agrícola. O abandono do sistema nômade caçador-coletor leva ao início das aldeias, seguidas das grandes cidades e então dos grandes impérios produtores de desequilíbrio. Não só o início dessa nova era geológica e social é fruto de controvérsia e debate. Alguns argumentam que o nome Antropoceno é impróprio, pois o prefixo *antro* implicaria toda a humanidade no processo de ecocídio irreversível, quando muito mais as nações ricas capitalistas seriam responsáveis pelo processo, e propõem o nome *capitaloceno* para a nova era de travessia planetária.

Há um esgotamento radical do mito do herói na modernidade

São as polarizações da modernidade que sufocam o homem contemporâneo e causam asfixia. Na modernidade, houve um esgotamento do mito do herói, como comentou Luigi Zoja, em *História da arrogância* (ZOJA, 2000). O nome do antigo herói sumeriano Gilgamesh significa “o construtor de muralhas”. Se esses muros estiveram na

origem da cultura necessária à construção de impérios e civilizações, na modernidade o hiper heroísmo se esgotou com a destruição do planeta, a superpopulação e a ameaça de um ecocídio final. Estamos pagando caro pela construção da consciência moderna e da chamada *objetividade científica*, tão cara à ciência moderna, mas ponto máximo da separação com a natureza.

O mito do herói também tem um significado simbólico na construção da consciência. O esgotamento do mito do herói na modernidade exige novos modelos de construção da consciência que não a tradicional consciência heroica que se polariza com os instintos e com a natureza, o modelo tradicional do herói que mata a mãe dragão ou os monstros do inconsciente para afirmar a consciência. Esse modelo foi seguido tradicionalmente por Freud, com o mito de Édipo, Jung, com o herói que mata a mãe-dragão, Neumann e Edinger, que propõem o eixo ego-self como uma polarização heroica entre consciência e inconsciente. James Hillman (1999) já havia sugerido uma abordagem diferente para o problema, *o herói alquímico*, que mergulha no vaso hermético e da substância arcana e percebe a nova consciência, mencionando que o herói tradicional tem os olhos da serpente que ele mesmo supera. Em seu livro *Brincar e Realidade*, Winnicott (2017) propõe o modelo de jogo e brincadeira para a construção da consciência. A cosmogonia indiana apresenta a imagem de Brahma criando o universo através de *Lila*, a brincadeira ou jogo divino, e aqui devemos lembrar que toda cosmogonia é uma projeção mitológica da criação da consciência. Todas essas novas possibilidades para o desenvolvimento da consciência reflete o fato de que o mito do herói não é mais adequado como modelo para a consciência humana contemporânea.

Proposta de um possível modelo para uma relação ego-self

Talvez possamos imaginar as relações do ego consciente com o self dentro de um modelo diferente do heroico proposto por Neumann e Edinger e mais próximo da experiência cotidiana. Sugiro um modelo baseado na psicologia da Gestalt (Figura 1). Em geral, o ego, como centro da consciência, aparece como figura, e o self como fundo. Porém, em certos momentos da vida, em momentos de criatividade ou em todos os momentos em que a consciência está agindo além de seus limites habituais da vida cotidiana, o self se torna figura e o ego é fundo. É claro que esses são momentos raros na consciência. A vantagem desse modelo de Gestalt é que ele não cria uma distância exagerada entre duas entidades psicológicas, o ego e o self. O self, apesar de ter a *Imago Dei* como um de seus

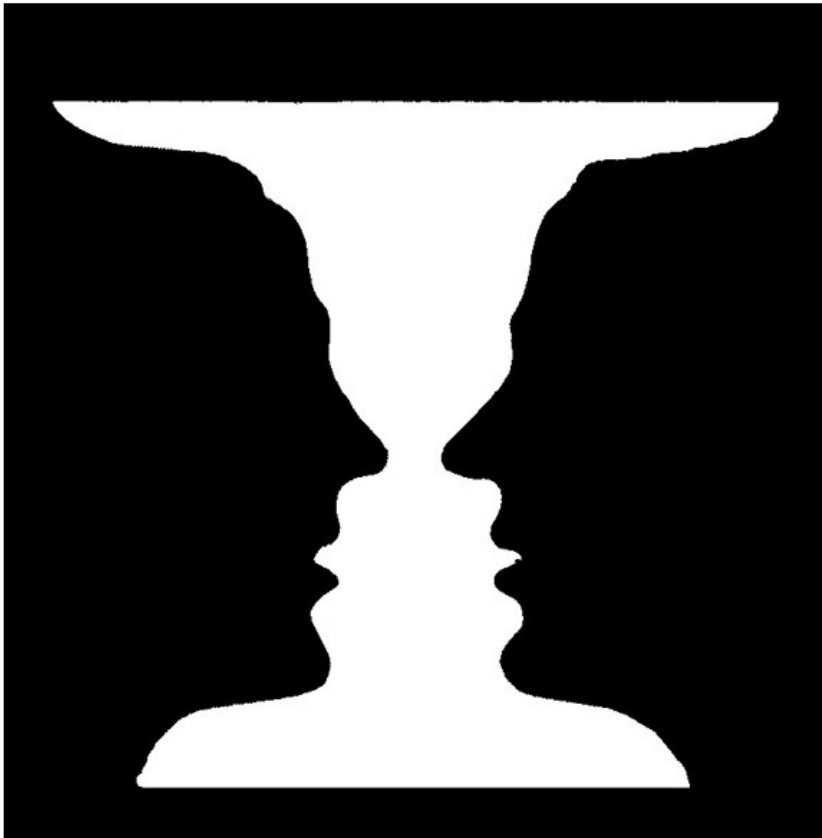


Figura 1. Proposta de um modelo lúdico para a visualização das relações dinâmicas do ego com o self.

principais símbolos, continua sendo uma entidade psicológica e não teológica ou metafísica.

Diversas pandemias surgem associadas ao crescente processo de desmatamento

Voltando ao problema do hiper-heroísmo na modernidade e a crise ecológica, percebemos pandemias surgindo à margem do contato civilização-natureza, cujos processos de intensa devastação da natureza, queima das florestas e atividades extrativistas diversas levam à natureza a se ver fortemente ameaçada. Com relação à recente pandemia do coronavírus-19, sabe-se que o genoma do SARS-COV-2 é muito semelhante ao do vírus presente em morcegos normalmente ingeridos na China como fonte de alimento. Foi levantada a hipótese de um *transbordamento zoonótico* do morcego para o pangolim, espécie de tatu-pequeno do interior da China e Norte da África. Entretanto, é

importante ter em mente que essa passagem de vírus de espécies animais para humanos, produzindo cepas destrutivas para a espécie humana, ocorreu em pandemias anteriores, tais como o vírus ebola, a influenza A (H1N1) no coronavírus da síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS-CoVID), o vírus da AIDS (proximidade de humanos com macacos africanos), a febre amarela, entre outros. Portanto, não é um fenômeno novo e tem conexões íntimas com o desmatamento, com a comunidade humana pagando sempre um alto preço pelo desequilíbrio ecológico.

A destruição do planeta anda de mãos dadas com o desenvolvimento da consciência pelo Homo Sapiens

Portanto, a atual devastação das grandes florestas tropicais, como a Floresta Amazônica, ameaçando sua biodiversidade e o equilíbrio ecológico do planeta, faz parte da exacerbação patológica do mito do herói e do grande desequilíbrio ontológico do paradigma da modernidade. Na verdade, esse desequilíbrio é muito anterior ao que geralmente se supõe. Como Harari demonstrou em seus *bestsellers* 'Sapiens' (2016) e 'Homo Deus', o desequilíbrio natural imposto pelo Sapiens começa com o surgimento da consciência reflexiva em 70.000 a.C. Como exemplo disso, Harari cita a migração dos Sapiens pelo Estreito de Behring em direção à ocupação das Américas. Essa passagem do Alasca para a Patagônia ocorreu em tempo recorde. Enquanto outras espécies levariam séculos para se adaptarem a diferentes biomas, o Sapiens modificou os biomas em sua rápida passagem. Espécies inteiras foram dizimadas, como preguiças gigantes, tigres-dentes-de-sabre e outras espécies animais e vegetais. Essas mudanças na natureza por vezes são atribuídas a mudanças climáticas, erupções de vulcões e assim por diante. Entretanto, Harari demonstra por meio de muitos exemplos que "nós mesmos somos os culpados". (HARARI, 2016, p. 73)

A ameaça nuclear

As guerras permanecem com intensidade e não houve *um momento sequer* desde as Grandes Guerras que não estivesse acontecendo alguma guerra em alguma parte do planeta. Portanto, a fantasia expressa certa vez por Oppenheimer, de que o desenvolvimento da bomba atômica levaria à extinção das guerras, demonstra-se cada vez mais questionável. Em face da atual invasão da Ucrânia, os jornais já passam a falar abertamente no possível emprego de armas nucleares, reavivando de forma aterradora o fantasma da extinção da atual humanidade pela tão conhecida ameaça nuclear. Antes do advento da mídia virtual, as guerras chegavam até nós por meio de publicações nos jornais vários dias após os eventos acontecidos. Agora, participamos de forma direta e em tempo real

das imagens das atrocidades do grupo Hamas e do genocídio em Gaza. O impacto psicológico é enorme e constante. Por meio de um mecanismo de defesa, passamos a incorporar o tremendo sofrimento e violência das guerras atualmente em curso como algo inevitável e inerente à vida. Além da dor pelas famílias de palestinos dizimadas há uma constante: o medo.

A maior usina nuclear europeia, a usina de Zaporizhzhia, está localizada na Ucrânia e tem sido constantemente colocada em perigo na atual guerra, com as forças ucranianas e russas se acusando mutuamente. Em novembro de 2022, a usina registrou 12 explosões que danificaram alguns edifícios e equipamentos. Em abril de 2024, a Rússia acusou a Ucrânia de atacar a cúpula do edifício, que abriga o reator 06. Em agosto de 2024, um incêndio foi registrado na usina. O perigo de um acidente nuclear é muito alto.¹ O fantasma de Chernobyl paira sobre a Europa neste momento.

A diluição do limite homem-máquina

Uma terceira grande fronteira atravessada de forma irreversível pela modernidade é o limite homem-máquina. Como relembra Harari (op. cit.), a inteligência sempre esteve na história do planeta associada à consciência, agora não mais. Não se pode antecipar com certeza o futuro da humanidade com a dominância *da inteligência independente da consciência*. A literatura de ficção científica sempre abordou essa questão que agora se torna um pesadelo real na sociedade, com a ameaça do desemprego em massa, principalmente em atividades repetitivas, em uma nova sociedade dominada pela inteligência artificial.

A diluição de fronteiras

A diluição de fronteiras é uma manifestação das mudanças globais as quais a humanidade atravessa. Dentro desse contexto de grandes ameaças, estamos vivendo o que o sociólogo húngaro Zigmunt Baumann (2005) denominou *modernidade líquida*, valores e referências em constante liquefação, um processo de *solutio cultural* extremo. Essa percepção de diluição de estruturas e perspectivas já vem acontecendo há tempos. As próprias fronteiras geográficas sofrem um processo acelerado de diluição, a tradicional família patriarcal, as fronteiras de gênero e os limites do etarismo dissolvidas são processos culturais acelerados. Na travessia dinâmica da civilização em transição, o conservadorismo se debate com as perspectivas progressistas. Lembremo-nos do tema alquímico do velho rei, o *senex*, e o jovem príncipe, o *senex* e o *puer*, que aparece em gravuras em tratados como o *Splendor Solis* (Figura 2).

¹ CNN BRASIL (2024).



Figura 2. A prancha “O Rei que se afoga” do tratado alquímico *Splendor Solis* (1520), atribuído a Salomon Trismosin.

O velho rei, o *senex*, sofre o processo de diluição aquosa, tende a morrer, e resiste à sua diluição. O jovem príncipe, o *puer*, já traja suas novas roupagens, mas está desconfortável em roupa ainda muito grande para ele. A transição *senex-puer* ilustra o momento atual conturbado. As tradições se liquefazem, mas de certa maneira

é problemático para o coletivo abandonar essas referências que vêm orientando a cultura e passar a integrar valores inteiramente novos. Essas imagens alquímicas são verdadeiros portais para momentos de travessia da consciência individual e coletiva.

As fronteiras geográficas diluídas

As próprias fronteiras entre os países estão em processo acelerado de diluição por diversos fatores, o aumento acelerado das comunicações, trocas culturais, a virtualidade das comunicações, além do fenômeno global das migrações em massa. Um intenso movimento migratório da África e do Oriente Médio provoca uma forte islamização em diversos países europeus, o que acarreta problemas de identidade nacional. A forte ascensão de movimentos políticos de direita radical constitui um movimento reacionário em face desse processo. Em uma perspectiva simbólica, trata-se de um confronto com a sombra coletiva, a emergência do *complexo cultural do colonialismo*, que orientou toda a Europa em séculos passados e agora retorna em seus aspectos sombrios. Um autêntico retorno do recalcado. A atitude imperial de uma Europa conquistadora de séculos anteriores retorna agora em forma de uma islamização a partir da África. A Europa se debate agora no conflito profundo de uma integração criativa versus a repressão. Somado a isso, surge o fantasma do crescimento populacional negativo em diversos países europeus, acompanhado da hiperpopulação de imigrantes.

As fronteiras de gênero e de família

As fronteiras de gênero também vêm sendo dissolvidas, as identidades binárias tradicionais vêm dando lugar a diversas identidades do chamado espectro LGBTQ+. As próprias identidades da família tradicional já se dissolveram, com as separações frequentes e filhos de múltiplos casamentos vivendo sob o mesmo teto. Os terapeutas de família são chamados a desenvolverem novas soluções e saídas criativas para as questões advindas da nova família pós-moderna.

A diluição das fronteiras de gênero coloca em confronto de forma evidente o conservadorismo e a transformação. Esse é um processo ainda em andamento, com forte resistência de grupos conservadores no Brasil e no mundo. Essa é uma das principais pautas da forte travessia da cultura contemporânea.

As fases da vida em transformação

Com o advento das tecnologias da modernidade, as fases da vida se modificaram radicalmente. Na Idade Média, a criança era

vista como um adulto diminuído. (ARIÈS, 1981). Logo após a Segunda Guerra, as crianças foram usadas como força de trabalho no período de reconstrução da Europa, entrando logo em seguida na fase adulta. Após o *boom* de crescimento financeiro capitalista do Ocidente pós-guerra, o período da adolescência como o conhecemos foi tomando forma como um período de vida independente dos outros, com uma identidade em si própria. Assim como o momento adolescente se expandiu e ganhou forma nesse período, na contemporaneidade uma nova fase de vida toma forma. Tradicionalmente, após os 60 anos, iniciava-se o período do idoso. Com os avanços da medicina na contemporaneidade, dos 60 aos 76 anos há uma nova fase de vida, período em que ocorre uma intensa e criativa *arborização neuronal* e uma janela de uma nova fase de vida, de uma maturidade criativa que se abre para homens e mulheres contemporâneas. Isto é, após os 60 anos, a pessoa não precisa necessariamente *tornar-se um idoso*, no sentido de fazer a travessia final para uma aposentadoria, com desistência do agir no mundo de forma criativa. Viver essa fase com a maturidade que ela pede exige da pessoa um sentido, uma atitude de consciência espiritual. Não é uma fase sem desafios, como podemos observar em nosso próprio processo de envelhecimento e também em alguns pacientes de consultório. A aposentadoria é uma travessia desafiadora para muitos clientes. Vista a princípio como um momento libertador, o recém-aposentado entra em depressão, com nostalgia da estrutura protetora da instituição. Em certos pacientes que tenho visto no consultório, a análise pode ser um elemento fundamental para reencontrar a criatividade necessária para nutrir a nova fase de vida.

A espiritualidade nessa fase da vida é um poderoso auxiliar, quase indispensável, poderíamos dizer, para que a pessoa saiba envelhecer com sabedoria e possa aproveitar as possibilidades criativas dessa fase de vida. Como exemplo de como os desafios dessa fase da existência podem ser graves e muitas vezes insuperáveis, lembro-me de um recorte clínico de um parente de um paciente. Esse parente, idoso, tendo a sexualidade como referência principal em sua vida, não consegue confrontar com maturidade a vivência de impotência sexual e põe fim à própria vida. Esse é um exemplo dos desafios que as travessias da maturidade podem trazer.

Na cultura contemporânea, há uma forte dissolução também dos limites de outras fases da vida. Crianças entrando na puberdade desejam ser rapidamente adultos, antes do tempo, há uma precoce erotização de meninos e meninas. As redes sociais da Internet relataram tempos atrás a ausência de ácido hialurônico em suas prateleiras em certas lojas de produtos de beleza. Descobriu-se que algumas crianças púberes estavam roubando o produto de beleza em grande escala e

sem discriminação para anteciparem a transição para o período adulto, procurando uma falsa aparência de jovens adolescentes.²

Uma passagem do poeta Manoel de Barros ilustra as diversas maneiras por meio das quais as travessias da idade tardia podem ser vivenciadas. Por ocasião de seus 80 anos, o poeta foi procurado por um editor interessado em publicar suas memórias de infância, da vida adulta e da velhice. Depois de muito relutar, Manoel de Barros envia um livro para publicação intitulado “Memórias da primeira infância,” que viria a se tornar um grande sucesso. Depois, a pedido do editor, envia um segundo texto, “Memórias da segunda infância,” e mais tarde outra autobiografia, “Memórias da terceira infância.” O editor elogia os textos, pela sua poética e lirismo, mas diz que esperava um texto sobre as experiências da maturidade e principalmente sobre o envelhecimento. O poeta respondeu: “Só tive infância. Nunca tive velhez. Só narro meus nascimentos.”³

Aqui, o poeta cria um interessante neologismo, *velhez*, a petrificação e a perda da agilidade criativa, e o diferencia de *velhice*, o processo natural de envelhecimento dos corpos que o tempo naturalmente produz.

As transições de paradigma em ciência

As transições e crises do paradigma da modernidade são a ilustração evidente da travessia em que estamos. Daí o título do artigo, “Travessias contemporâneas, da modernidade à complexidade.” O que entendemos pela palavra paradigma? Usamo-la no mesmo sentido com que Tomas Khun (1962/2017) designou como paradigmáticas as realizações científicas que geram modelos que, por períodos mais ou menos longos e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas em ciência. O paradigma não é, entretanto, um molde estático, mas dinâmico e que aponta para o futuro.

Nesse sentido, percebemos o chamado ‘paradigma da modernidade’, que teria tido início com a queda de Constantinopla para os turcos em 1453, marcando o fim do paradigma medieval e tendo seu desenvolvimento com a grande expansão da civilização durante o Renascimento e a Revolução Industrial, do século XVII ao XIX. As polarizações extremas com as quais sofre o homem contemporâneo são fruto de uma acentuada crise de paradigma.

O atual paradigma da modernidade entrou em crise na primeira metade do século XX, com as grandes transformações nas ciências físicas: a teoria da relatividade de Einstein, a mecânica quântica do

² Site de Internet: Taylor (2024).

³ Referência no do Prof. Elton Luiz Leite de Sousa do texto “Música, poesia e não velhez.”

grupo de Copenhague, o fenômeno da *negentropia* proposto por Ilya Prigogine, entre outros. Madel Luz (1988) descreve essa transição do paradigma da modernidade, também chamado de paradigma newtoniano ou cartesiano. Luz (1988) criou o termo *racionalidades médicas* numa busca pela inserção de novas disciplinas de cura com credibilidade no novo paradigma emergente, ou paradigma da complexidade. Assim, não só a chamada *medicina baseada em evidência* teria credibilidade terapêutica, mas outros saberes e outras racionalidades, como a acupuntura, a psicanálise e a psicologia complexa de Jung. As psicologias que consideram o inconsciente estão aí incluídas no novo paradigma porque o inconsciente não segue as leis de causa e efeito no tempo e no espaço do universo newtoniano. Os dinamismos psíquicos do sonho, da fantasia e do inconsciente, em geral, escapam a qualquer medida e *a possibilidade de mensuração é a essência da modernidade*. O paradigma newtoniano das ciências naturais é realmente guiado pela medida exata de todas as coisas.

As grandes polarizações da modernidade e o paradigma emergente da complexidade

As referidas polarizações da modernidade são a essência da cosmovisão moderna, derivando da primeira polarização, entre o homem e a natureza, dentro da visão mitopoética da expulsão do paraíso. Dessa primeira polarização surgem todas as outras, espírito-matéria, mente-corpo, consciente-inconsciente, homem-mulher, Hemisfério Norte-Hemisfério Sul, conhecimento acadêmico-conhecimento popular e assim por diante. Como nos lembra Luz (1988), o grande problema dessa visão de mundo dicotomizada é que ela é rígida e hierarquizante, ou seja: o espírito é visto como superior à matéria, a mente é superior ao corpo, o homem é superior à mulher, a cultura acadêmica supera à cultura popular, o Hemisfério Norte é superior ao Hemisfério Sul e assim por diante. O novo paradigma emergente, o paradigma da complexidade, como Edgar Morin (1994) o chamou, traz uma nova visão de mundo que transcende essas polaridades.

A psicologia complexa de C. G. Jung transcende as polaridades da modernidade

Seguimos Sonu Shamdasani (2011, p. 26) ao nos lembrar de que o termo 'psicologia complexa', sugerido por Toni Wolff a Jung para sua escola de pensamento, é bastante apropriado. Isso porque a psicologia complexa de Jung faz parte do novo paradigma da complexidade, é um pensamento complexo por natureza, reconhecendo que os fenômenos psicológicos não podem ser reduzidos a uma única causa primeira. O conhecimento da complexidade propõe uma nova visão de mundo livre

das polarizações rígidas que aprisionam o homem moderno. Os saberes do pensamento complexo têm a capacidade de liberar a humanidade atual das prisões nas quais a modernidade a mantém. Assim, a dicotomia homem-natureza é relativizada pela nova consciência sobre como cuidar do planeta por meio de um desenvolvimento sustentável, como proposto por Leonardo Boff. Também a sabedoria dos povos originários têm sido redescoberta e valorizada. Logo após chegarem ao Novo Mundo, os portugueses discutiam se os indígenas teriam alma e se dedicavam a catequizá-los. Depois foram escravizados e dizimados. Hoje, embora o holocausto indígena ainda continue em certos domínios, procura-se mais ouvi-los e aprender com seus xamãs sobre a sabedoria da natureza.

Com relação à polaridade cultura acadêmica e cultura popular, Freud, Jung, Von Franz e outros, em suas pesquisas com contos de fadas, mitos e tradições populares, demonstram que a cultura popular é tão importante quanto o conhecimento acadêmico. Além disso, o conceito de *cultura* se expandiu bastante. Cultura não é só o conhecimento bibliófilo dos livros, mas as tradições populares que fazem parte essencial do acervo cultural de um povo. A música, os alimentos, os rituais e as festividades populares *são a seiva fundamental da cultura de uma sociedade*.

Quanto às polaridades mente-corpo e espírito-matéria, a psicologia complexa de Jung, com sua epistemologia alquímica da realidade e seu conceito de psicóide, recupera a dignidade da matéria e transcende as dicotomias mente-corpo e espírito-matéria, além do dentro e o fora. O corpo está sendo redescoberto na cultura contemporânea em suas dimensões simbólicas inerentes ao processo de individuação. A escola do *movimento autêntico* da analista junguiana iniciada por Mary Whitehouse, tendo em Joan Chodorow e outros continuidade na atualidade, propõe um resgate do movimento e do corpo como uma das riquíssimas formas de imaginação ativa e inserção do corpo no processo terapêutico.

Quanto à polaridade consciente-inconsciente, Jung, em seu Livro Vermelho, faz uma importante virada epistemológica, demonstrando que o inconsciente não é um *epifenômeno* da consciência, uma *partie inférieure*, como Pierre Janet e toda a tradição ocidental supõem, mas é a sede da criatividade; os conteúdos do inconsciente têm em si uma realidade que Jung mais tarde veio a conceituar como a *realidade da alma*.

Essa marcada virada de reconhecimento do inconsciente como *anterior à consciência* está presente no diálogo com os personagens Elias e Salomé. Quando Salomé diz que Jung e ela são irmãos, e Maria e a mãe de ambos, Jung reage em grande confusão:

“Isso é um sonho infernal?Como pode ela dizer semelhante coisa? Ou ambos estão fora do juízo?” - E, em seguida, atordoado, faz uma defesa racional, tentando se proteger do inusitado do inconsciente:

“Vós sois símbolos e Maria é um símbolo. Eu estou apenas confuso demais para vos compreender agora.”

Elias: “Tu podes nos chamar de símbolos com o mesmo direito que podes chamar de símbolos também outras pessoas iguais a ti. Nada enfraqueces e nada resolves ao nos chamar de símbolos.”

“Tu me lanças numa confusão terrível. Vós quereis ser reais?”

Elias: “Com certeza somos aquilo que tu chamas de real. Aqui estamos nós, e tu tens de nos aceitar. Tu tens a escolha.”

(JUNG, 2013, pp. 167-168).

A realidade da alma é enfatizada em diversos momentos da obra de Jung, como, por exemplo, na conhecida e tão citada frase em Tipos Psicológicos (JUNG, OC, vol. VI, §73):

A psique cria realidades todos os dias. A única expressão que me ocorre para designar essa atividade é fantasia.

Jung foi afetado pela grande crise da modernidade ao escrever o Livro Vermelho

Jung escreveu seu Livro Vermelho durante a 1ª Guerra Mundial, enfrentando essa grande crise da modernidade e instintivamente retornou à Idade Média. Como escreveu em 1928:

“O homem moderno perdeu todas as certezas metafísicas da idade média e colocou em seu lugar os ideais de segurança material, bem-estar geral e humanitarismo.”

(JUNG, OC, vol. X, §163).

Jung desenvolveu uma epistemologia pré-moderna baseada na alquimia medieval

Ao longo dos seus escritos nos Livros Negros de 1913 a 1932, a referência original de Jung foram as ideias gnósticas dos inícios da era cristã, pois desde então Jung estava interessado na organização da psique coletiva ocidental em estruturação. A Igreja oficial e seus dogmas representava naquela época o início dessa organização. Os evangelhos apócrifos gnósticos, com seus vários símbolos e múltiplas correntes, representavam toda a riqueza proteiforme do inconsciente coletivo a ser reprimida, em prol da organização cultural. Aniela Jaffé (1971) chama a atenção para a importância que Jung deu à história cultural: observando como os motivos gnósticos apareciam de certa forma nos sonhos e nas fantasias de pessoas contemporâneas, interrogou-se como esses conteúdo gnósticos tão remotos tinham uma espécie de continuidade histórica até os dias atuais. Jung encontrou na alquimia medieval esse elo histórico entre o gnosticismo antigo e a psique contemporânea.

Penso como exemplos dessa continuidade de ideias gnósticas como a do *pleroma*, a do vazio-cheio, a totalidade pré-existente a todas as coisas, a origem de tudo o que existe no universo, o sem-qualidades. Segundo pensaram os gnósticos, do *pleroma* emergem todas as coisas criadas. Existe assim uma eterna tensão entre *pleroma* e criatura, qualquer emergência a partir do *pleroma* com qualidade. Mesmo o eterno Deus, onisciente e onipresente, dentro dessa perspectiva, é criatura, uma das primeiras a emergir do *pleroma*, pois suas qualidades são essenciais e próximas a uma existência *pleromática*. A noção gnóstica do *pleroma* encontra expressão no conceito alquímico do *Unus Mundus*, que irá aparecer no séc. XVI, nos escritos de Gerard Dorn, discípulo de Paracelso.

Realmente, as referências epistemológicas de Jung se fundamentam no gnosticismo e na alquimia, a psicologia complexa opera em uma epistemologia pré-moderna, na qual não são marcadas as divisões sujeito-objeto e homem-natureza. Jung resgata o conceito de *Unus Mundus*, o Mundo Único, fundamental em sua visão do arquétipo psicóide e da sincronicidade. Esses conceitos, desenvolvidos na fase tardia do trabalho criativo de Jung, ultrapassam a modernidade e pertencem radicalmente ao paradigma da complexidade, oferecendo saídas das prisões dicotômicas em que o homem moderno é mantido cativo. Por meio dessa volta radical à Idade Média, Jung faz um autêntico movimento de *reculer pour mieux sauter*, (recuar para saltar melhor), expressão de Pierre Janet frequentemente citada por Jung.

A perspectiva alquímica pode ser comparada ao perspectivismo ameríndio proposto por Eduardo Viveiros de Castro

É muito interessante observar que as culturas ameríndias sul-americanas possuem uma visão de mundo comparável à perspectiva alquímica medieval. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002) desenvolveu o revolucionário conceito de *perspectivismo ameríndio*, por meio do qual a visão de mundo dos indígenas sul-americanos (e de alguns grupos étnicos asiáticos, segundo Viveiros de Castro) se revela totalmente integrada aos processos naturais, diferentemente da visão dissociada e predatória da natureza do homem moderno. Nessa visão, o mundo dos deuses, dos ancestrais, o mundo humano e os reinos mineral, vegetal e animal são integrados em uma totalidade inseparável. Assim como a humanidade tem uma cultura e tem animais, plantas e peixes como fonte natural de alimento, também existe uma cultura no universo da onça e, em sua perspectiva, o homem faz parte da natureza e pode ser caçado como fonte de alimento. Enquanto na visão moderna há apenas uma cultura, a cultura humana, e a natureza é rica em sua diversidade e fonte de matérias primas, na fantasia moderna, matérias primas inesgotáveis, para o perspectivismo aborígene, o

universo é permeado por várias culturas que interagem: os espíritos e os ancestrais, humanos, animais, plantas e minerais fazem parte de um todo integrado, um autêntico *Unus Mundus*.

Considerações finais: ainda existem caminhos de salvação para o homem moderno?

É assim que o homem moderno contemporâneo está, em profunda crise, ameaçado de auto-extinção, sofrendo de asfixia ardente e destrutiva. Talvez seja por isso que lideranças indígenas brasileiras de diferentes etnias ganham cada vez mais voz, são mais ouvidas na mídia e em livros publicados, como o Tapuia Kaká Werá Jecupé (2020), o qual nos lembra que plantas, pedras e animais são chamados pelos seus irmãos de “nossos avozinhos”, ou o xamã Yanomani Davi Kopenawa (2015), que se refere ao povo branco com desdém como o *povo da mercadoria*, ou Ailton Krenak (2022, p. 14), que fala do rio Doce “como seu rio-avô, muito musical, do qual seu povo ouve a melodia e dele depende”. Essas lideranças indígenas trazem a voz da terra, uma alternativa ontológica à modernidade e um maior respeito ao planeta. Tomando todas essas perspectivas alternativas, o pensamento complexo contemporâneo pode construir uma verdadeira *complexio oppositorum*, reunindo sabedoria tradicional e ciência moderna e criando possíveis formas de sobrevivência para a humanidade.

Bibliografia

- ÀRIES, P. **História social da criança e da família**. Barueri: Guanabara, 1981.
- BAUMANN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- HARARI, Y. **Sapiens. Uma breve história da humanidade**. 18. ed. Porto Alegre: LPM, 2016.
- HILLMAN, J. **A grande mãe, seu filho, seu herói e o Puer**. In: HILLMAN, J. O Livro do Puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus. São Paulo: Paulus, 1999. pp. 65-117
- JAFFÉ, A. **From the life and work of C. G. Jung**. Tradução R. C. Hull. London: Hodder & Stoughton, 1971.
- JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos**. 2. ed. Peirópolis: Editora Peirópolis, 2020.
- JUNG, C. G. **Adaptação, Individualização e coletividade**. OC, vol. XVIII/2. Petrópolis: Vozes [1916] 2011.
- JUNG, C. G. **O Livro Vermelho**. Petrópolis: Vozes, 2013. Edição sem imagens. Organizado por Sonu Shamdasani.
- JUNG, C. G. **O problema psicológico do homem moderno**. OC, vol. X. Petrópolis: Vozes [1928] 2011.
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. OC, vol. VI. Petrópolis: Vozes [1921] 2011.

- JUNG, C. G. **Wotan**. OC, vol. X. Petrópolis: Vozes, [1933] 2011.
- KHUN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. Editora Perspectiva, [1962] 2017.
- KOPENWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**. Palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Companhia das Letras, 2015. Introdução de Eduardo Viveiros de Castro.
- KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LUZ, M. T. **Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Rio de Janeiro, 1988.
- MCGUIRE, W.; HULL, R. F. **C. G. Jung: Entrevistas e Encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Lisboa: Publicações Europa América, 1994.
- SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2002.
- WAHBA, L. Devouring and asphyxia: symptoms of a cultural complex in actual times. **The Journal of Analytical Psychology**, Oxford, v. 68, n. 2, p. 227-240, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1111/1468-5922.12906>. PMID:36994544.
- WINNICOTT, D. **Brincar e realidade**. London: Routledge, 2017.
- ZOJA, L. **A história da arrogância**. São Paulo: Axis Mundi, 2000.

Sites de Internet consultados:

- CNN BRASIL, 2024. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br. Acesso em: 28 ago. 2024.
- TAYLOR, M. **‘Sephora Kids’ e o alarmante crescimento do mercado de produtos de beleza para crianças**. 2024. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/articles/crg73zlw718o. Acesso em: 25 ago. 2024.

Diplomado pelo Instituto C. G. Jung de Zurique, Suíça.

Membro-fundador da Associação Junguiana do Brasil (AJB)
Ex-representante da AJB no Comitê Executivo da IAAP (Associação Internacional de Psicologia Analítica) de 2007 a 2013.
Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ.
Autor de livros pela Editora Vozes, incluindo A Mitopoese da Psique: Mito e individuação. 5ª reimpressão 2021e O Livro Vermelho de C. G. Jung: Jornada para Profundidades Desconhecidas. 2014. (com edições pelas editoras Routledge, Londres, 2017 e Letra Viva, Buenos Aires. 2019). Coautor e organizador de diversas obras pela Editora Vozes, tais como: Alma Brasileira, Luzes e Sombra, 2015, Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo, 1995, O Masculino em Questão, 1997.
Assessor técnico da coleção “Reflexões Junguianas” da Editora Vozes.
Revisor técnico das traduções dos livros de C. G. Jung O Livro Vermelho: Liber Novus e Os Livros Negros: Cadernos de Transformação, ambos pela Editora Vozes.

walter.boechat@gmail.com